

REFLEXÕES SOBRE A HISTÓRIA DO TIMOR LESTE ATRAVÉS DO ROMANCE *O ANO EM QUE PIGAFETTA COMPLETOU A CIRCUM-NAVEGAÇÃO*, DE LUÍS CARDOSO

José Luís Giovanoni Fornos
FURG

O presente ensaio examina o romance *O ano em que Pigafetta completou a circum-navegação* (2012), levando em consideração aspectos históricos que marcam Oriente asiático no século XX. A trama composta pelo escritor timorense Luís Cardoso, a partir da representação de um grupo de personagens, reproduz a dinâmica política e cultural do Timor Leste, uma ex-colônia portuguesa.

Em linhas gerais, *O ano em que Pigafetta completou a circum-navegação* desperta “uma nova consciência geográfica” diante de um “mundo descentrado ou multicentrado” (SAID, 2003, p. 226). Um mundo que não mais deve ser visto e selado dentro de compartimentos estanques de arte, cultura ou história. Deve ser compreendido a partir da mistura, da variação, em vista das novas mobilidades migratórias, assim como o advento de novos Estados independentes que fazem desabrochar culturas antes subjugadas pelos impérios. Nesse sentido, Said alerta o especialista em literatura para que o mesmo amplie seu horizonte cognitivo da área:

E o que dizer se agora é possível que um especialista em literatura indiana ou árabe não olhe para a literatura ocidental como se o centro fosse a Europa, mas que sua ótica precise incluir a Índia, o Egito ou a Síria, além da Europa e da América? (SAID, 2003, p. 226)

Said continua a questionar os estudos centrados exclusivamente no espaço europeu cujas narrativas historiográficas e literárias desconhecem ou produzem estereótipos da cultura oriental³². Desta forma, pergunta-se:

Será que existe uma maneira de compreendermos a conexão não simplesmente entre história e literatura, mas entre várias histórias e várias literaturas? Queremos ver a história e a literatura inglesas como um mundo fechado cuja dinâmica interna se desenvolveu tranquilamente durante

³² O Oriente “era quase uma invenção europeia, e fora desde a Antiguidade um lugar de romance, de seres exóticos, de memórias e paisagens obsessivas, de experiências notáveis”. O orientalismo é “uma *distribuição* de consciência geopolítica em textos estéticos, eruditos, econômicos, sociológicos, históricos e filológicos”. É uma elaboração “de toda uma série de interesses que, através de meios como a descoberta erudita, a reconstrução filológica, a análise psicológica e a descrição paisagística e sociológica, não apenas cria como mantém”. É, acima de tudo, “um discurso que não está de maneira alguma em relação direta ao poder político em si mesmo, mas que antes é produzido e existe um intercâmbio desigual com vários tipos de poder, moldado em certa medida pelo intercâmbio com o poder político (como uma ordem colonial ou imperial), com o poder intelectual (como as ciências reinantes da linguística comparada ou anatomia, ou qualquer uma das modernas ciências ligadas à decisão política), com o poder cultural (como as ortodoxias e cânones de gosto, textos e valores), como o poder moral (como as ideias sobre o que nós fazemos e o que eles não podem fazer ou entender como nós fazemos)” (SAID, 1991, p. 24). Bhabha entende os estereótipos como um modo ambivalente de conhecimento e poder que “exige uma reação teórica e política desafiadora dos modos deterministas ou funcionalistas de conceber a relação entre o discurso e a política”. Para Bhabha, “julgar a imagem estereotipada com base em uma normatividade política prévia é descartá-la, não deslocá-la, o que só é possível ao se lidar com sua eficácia, com o repertório de posições de poder e resistência, dominação e dependência, que constrói o sujeito da identificação colonial (tanto o colonizador como o colonizado)” (BHABHA, 1998, p. 106).

oito ou nove séculos, sem referências a outra coisa senão a sua própria identidade sempre estável, sempre confirmada? Ou preferimos, em primeiro lugar, ver na literatura e na história inglesas a expressão de uma ‘difícil mobilidade’ isolada e exposta de acordo com diferentes locais em que a literatura acontece de fato? (SAID, 2003, p. 227)

A intervenção das nações imperialistas aflorou e propiciou movimentos políticos de libertação que lutaram e promoveram a independência de países dominados pelo colonialismo. Num determinado momento, a literatura de tais espaços desempenhou papel central, criando resistências ao avaliar criticamente a presença do homem branco europeu e ocidental. Tais textos resgatam culturas e línguas marginalizadas em seus próprios contextos de origem. Para Said:

Os escritores pós-imperiais do Terceiro Mundo, portanto, trazem dentro de si o passado – como cicatrizes de feridas humilhantes, como uma instigação a práticas diferentes, como visões potencialmente revistas do passado que tendem para um futuro pós-colonial, como experiências urgentemente reinterpretableis e revivíveis, em que o nativo outrora silencioso fala e age em território tomado do colonizador, como parte de um movimento geral de resistência. (SAID, 1999, p. 269)

Um dos mecanismos encontrados pelo escritor inscrito na sociedade colonial/pós-colonial é a inserção em seus textos, em maior ou menor grau, de expressões, palavras e frases que ilustram a valorização das línguas nacionais, produzindo outro modo de contato, marcado pelo caráter multilíngue dos grupos. No caso de *O ano em que Pigafetta*, Luís Cardoso faz uso de termos da língua tétum que se encontram traduzidos no glossário exposto no final do livro³³. Destaque para as palavras *malae* e *bapak*, associadas, respectivamente, ao estrangeiro português e ao indonésio, dois tipos importantes no tratamento do enredo.

Ao inserir, mesclar ou mesmo recriar a sintaxe da língua do colonizador, autores anticoloniais e pós-coloniais questionam a subserviência ao império. Adiante, conquistada a soberania política da nação, passam a problematizar os paradigmas da identidade nacional, procurando trabalhar criticamente as mútuas aprendizagens ocorridas.

Tal perspectiva advinda de um contexto internacional renovado permite a Homi Bhabha a defesa dos estudos da cultura como transnacionais e tradutórios³⁴. A justificativa do transnacional como categoria investigativa ocorre porque os discursos contemporâneos “estão enraizados em histórias específicas de deslocamento cultural” (BHBHA, 1998, p. 241). A mobilidade de indivíduos e grupos configura novas territorialidades, perturbando a mecânica dos pertencimentos culturais.

É desta maneira que “o estudo da literatura mundial poderia ser o estudo do modo pela qual as culturas se reconhecem através das projeções de alteridade” (BHABHA, 1998, p. 33). Em consequência, o terreno da literatura mundial poderia ser “as histórias transnacionais de migrantes, colonizados ou refugiados políticos. O centro de tal estudo não seria nem a soberania de culturas nacionais nem o universalismo da cultura humana” (BHABHA, 1998, p. 33).

³³Laura Cavalcanti Padilha trata da questão no contexto africano, afirmando que muito além de uma exigência editorial ou de notas explicativas e de tradução, o glossário ao final dos textos merece outro entendimento. Diz a estudiosa: “Creio que a tradução pode e deve ser lida para além do plano linguístico, pois, no fundo, o que se nomeia é a própria diferença.” (PADILHA, Laura Cavalcanti. Gestos de nomeação ou uma década de romances africanos. In: MARGATO, I. e GOMES, R. C. (org.) *Literatura/política/cultura* (1994-2004). Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2005.)

³⁴ Para Bhabha, a ideia de tradução não é a de “transportar fatias suculentas de sentido de um lado da barreira de uma língua para a outra”. A cultura como estratégia de sobrevivência, escreve Bhabha, é tanto transnacional como tradutória: “A cultura é tradutória porque as histórias espaciais de deslocamento tornam a questão de como a cultura significa, ou o que é significado por cultura” (BHABHA, 1998, p. 248).

É por meio das personagens que o presente trabalho pretende apontar tais condições, explorando as relações políticas existentes em território timorense. Cada figura está decisivamente envolvida aos acontecimentos históricos.³⁵ Por meio delas, adentra-se aos dramas vividos, em especial, pela mulher oriental asiática, ainda em busca por reconhecimento e independência. Marcadas por dupla opressão – política e doméstica- as personagens femininas se destacam ao revelarem as contínuas pressões vindas do poder masculino e militar. A evocação da subjetividade feminina é um dos pontos centrais do enredo.

Desta forma, através das mulheres, acompanham-se, de maneira velada ou expressa, as agitações do pequeno país que, durante o processo de descolonização em relação a Portugal, é invadido pela Indonésia em dezembro de 1975. A invasão constitui-se em novo processo de dominação colonial. O embate gera novos conflitos que produzem um clima permanente de insegurança e violência. É preciso informar que o livro não se ocupa em explicitar, em longas descrições, os massacres ocorridos e nem as práticas desenvolvidas pelos movimentos de libertação timorense. A violenta imposição é representada de maneira implícita. Tal estratégia está relacionada à configuração do olhar feminino, fixado a partir dos espaços domésticos.

Em contrapartida à luta pela independência construída na selva montanhosa, em ambiente hostil, as mulheres, refugiadas na casa, tecem histórias de opressão, abandono e solidão. A dominação, somada à guerrilha e o impacto da guerra civil, são entrevistas pela visão feminina que não se omite em interpelar as injustiças existentes.

Outro aspecto que norteia o curso da história no Timor Leste, desde sua origem, é a multiplicidade de agentes étnicos na conformação do país. Ali, portugueses, holandeses, ingleses, chineses, malaios, indonésios, australianos, japoneses, entre outros, estiveram presentes, motivados por uma luta geográfica que revela distintas forças ideológicas. É dessa maneira que a voz narrativa afirma: “a história do Timor está assinalada por invasões” (CARDOSO, 2012, p. 243).

A presença de múltiplas nacionalidades resultou em encontros que acabavam por subjugar aqueles que ali buscavam uma identidade local. De outro modo, é preciso dizer que tal diversidade torna a discussão em torno das matrizes culturais bastante complexas.³⁶ Tal caracterização – um país marcado por invasões – delineia a trama de Luís Cardoso. O autor obtém êxito ao compor situações assinaladas por sobreposições e entrelaçamentos ideológicos e identitários, alicerçados pelo expansionismo.³⁷

³⁵ Ao discutir questões de identidade e diferença, inspiradas no conflito servo-croata, Kathryn Woodward observa que a “emergência dessas diferentes identidades é histórica; ela está localizada em um ponto específico no tempo. Neste caso, uma das formas pelas quais as identidades estabelecem suas reivindicações é por meio do apelo a antecedentes históricos, sendo a redescoberta do passado parte do processo de construção da identidade” (WOODWARD, 2008, p. 11).

³⁶ Eduardo Lourenço ao tratar da origem da cultura portuguesa chama a atenção para “magma obscuro de heranças e ritos milenares onde, sem consciência disso, enraízam as manifestações visíveis e claras dessa cultura” (LOURENÇO, 2001, p. 37). É preciso destacar que tal caracterização faça parte de qualquer origem, sendo difícil não aceitá-la. Também Edward Said traz a ideia de “empréstimos culturais”, próprios de qualquer formação social em sua formação. De acordo com o estudioso, “a história de todas as culturas é a história dos empréstimos culturais. As culturas não são impermeáveis; assim como a ciência ocidental faz empréstimo dos árabes, estes haviam tomado emprestados da Índia e da Grécia. A cultura nunca é uma questão de propriedade, de emprestar e tomar emprestado com credores absolutos, mas de apropriações, experiências comuns e interdependências de todo o tipo entre culturas diferentes. Trata-se de uma norma universal” (SAID, 1999, p. 275). Em outra passagem, Said escreve: “devido ao imperialismo, todas as culturas estão mutuamente imbricadas, nenhuma é pura e única, todas são híbridas, heterogêneas, extremamente diferenciadas, sem qualquer monolitismo” (SAID, 1999, p. 28).

³⁷ Em *Orientalismo*, Said aponta quatro elementos que redefinem o projeto de “orientalizar o oriente” a partir das “geografias ocidentais imaginativas e suas representações”, preparando o “caminho do moderno orientalismo”. Toma como análise inicial a narrativa *Bouvard et Pécuchet*, de Flaubert, para discutir o novo traçado das fronteiras imposto

Outra estratégia utilizada pelo escritor demanda conhecimento do seu romance anterior, já que se propõe a recontar, de maneira sucinta, a vida da figura central de *Réquiem para um navegante solitário*, publicado em 2007. Em *O ano em que Pigafetta*, reaparece a história da personagem Catarina, nascida em Batávia, atual Jacarta, que, negociada pelo pai chinês a um português no Timor, é abandonada com o filho. No contexto local são as chamadas *nonas*, mulheres que obedecem a rígidas normas da tradição, oferecendo-se como companheiras sexuais.

O filho de Catarina, quando menino, é raptado por um dirigente nacionalista, Malisera, que vive nas montanhas na tentativa de combater as forças invasoras durante a Segunda Guerra Mundial. *Réquiem para um navegante solitário* termina quando, em meio à dissolução quase absoluta dos bens, a personagem Catarina decide permanecer no Timor a fim de encontrar o filho raptado.

A casa que pertencera à Catarina abriga as novas personagens de *O ano em que Pigafetta* que, como as do romance anterior, viverão situações limites. Ao recontar a história de Catarina, o leitor, que lera *Réquiem*, logo fará aproximações com *O ano*. Embora o menino de Catarina não seja o protagonista formal do novo romance, é lembrado a todo o momento, sendo sua figura dotada de mistério.

Entre as novidades de *O ano em que Pigafetta completou a circum-navegação* está na voz narrativa. Para contar a história das relações coloniais, o autor recorre a um par de sandálias feminino. É a partir da sandália do pé esquerdo que se toma conhecimento do enredo. Tal objeto reflete sobre as ações desempenhadas pelas demais personagens. Os comentários são dirigidos ao outro pé, irmã gêmea, numa alusão alegórica ao universo encantado dos contos de fadas. Corresponde, alegoricamente, à busca pela independência das mulheres, bem como ao crescimento emocional e biológico da menina Carolina, a dona do calçado.

As sandálias são um presente oferecido pelo pai Amadeu à filha Carolina, após uma viagem de negócios a Cingapura. Ao recebê-lo, a menina percebe que o número é maior do que seu pé. O par, então, é posto novamente à caixa, aguardando o crescimento da jovem. Para a solução do problema, a avó sugere à neta que preencha a sandália “com uns gramas de sumaúma” (CARDOSO, 2012, p. 30).

Apesar da importância das mulheres, é preciosa, todavia, a contribuição de Pigafetta quando se trata da discussão do tema da identidade cultural e política. O jovem albino e homossexual se constitui em resistência identitária exemplar. Sinais da selvageria colonial acumulam-se em seu corpo. A personagem extrapola as formas pré-fixadas da representação do sujeito, subvertendo

pelo colonialismo europeu que estende o espaço de ocupação e conhecimento. Os quatro elementos destacados são: o expansionismo; a confrontação histórica; a identificação solidária e a classificação. Este último significou o impulso de “classificar a natureza e o homem em tipos” (SAID, 1996, p. 128). De acordo com Said, nos escritos de filósofos, historiadores, enciclopedistas e ensaístas, encontra-se o “caráter- como-designação na qualidade de classificação fisiológico-moral, assim, “o americano é vermelho, colérico, ereto, o asiático é amarelo, melancólico, rígido, o africano é negro, fleumático, frouxo” (SAID, 1996, p. 129). A influência das literaturas de viagens, das utopias imaginativas, das jornadas morais e das reportagens científicas fundamentou o expansionismo. O segundo elemento – o confronto histórico – permite que a Europa construa de si mesma uma imagem a partir da tradução do outro oriental realizado pelo intelectual europeu. Segundo Said, essa técnica aplicada pelo historiador comparatista ajudava “um europeu a conhecer-se melhor a si mesmo” (SAID, 1996, p. 127). A identificação por solidariedade surge a partir da ideia de que todas as culturas são estruturadas organicamente, internamente coerentes, unidas por um espírito. Tal concepção, surgida no século XVIII, com Vico, Herder e Hamann, propicia o sentido do nacional, criando, assim, as diferenças de identidade que fomentavam a imaginação do ocidente em torno de um Oriente como uma “localidade exótica”. Dessa forma, tais elementos serviram para a focalização mais nítida e extensa do Oriente, podendo, desta forma, ser dominado a partir de um estudo orientado pelo império.

normas e padrões de referência. A condição híbrida, camaleônica, marcada pelo travestimento, é o traço mais evidente. Somam-se a elas, a cor da pele, a nacionalidade, a religião e seu ajuste à tradição local.

A complexidade cultural que o afeta e o afirma faz de Pigafetta uma das figuras extraordinárias. Na infância, Pigafetta é induzido pelo pai a tornar-se um seminarista cristão. Como tal situação é possível somente aos portugueses, o pai impõe ao menino que, ao se apresentar no orfanato católico, cante trechos do Hino Nacional português, na tentativa de convencer o diretor do estabelecimento acerca de sua nacionalidade portuguesa:

O pai puxando-o pelo braço apresentou ao missionário. Não tinha dúvidas de que era mesmo filho de *malae*³⁸. De quem, não se lembrava. Mandou despir a roupa, pediu-lhe para mostrar a pele alva, sem nenhuma mistura. Branca e macia como o algodão. Um episódio que fez o padre Albino sorrir. Sabia perfeitamente que era falsa. Uma mutação genética fê-lo diferente dos outros. Depois para confirmar o que disse, pediu ao filho para repetir a frase – Levantai hoje de novo o esplendor de Portugal. Disse-o com tanta convicção que até fez o padre corar de vergonha e riso. O missionário não teve outro remédio senão aceitá-lo como órfão de *malae*. Sobretudo depois dessa patriótica demonstração. (CARDOSO, 2012, p. 57)

Embora reconheça a farsa ensaiada pelo pai, um cipaio, o padre Albino matricula o menino, batizando-o como sacristão Pigafetta. O nome adveio de um livro que narra a viagem de Fernão Magalhães em torno do globo terrestre, cujo autor chama-se António Pigafetta, um cronista italiano. A história é contada ao jovem pelo padre, crescendo o interesse do rapaz pela história, já que a mesma remonta a fundação do país.³⁹

Mais tarde, o livro do cronista italiano cai nas mãos de Isadora, figura que expõe as dificuldades da mulher no contexto timorense. Casada com António Sakunar, partidário da intervenção indonésia, a personagem, numa das belas passagens, confia à amiga Julieta a vida conjugal opressiva. No encontro, a manifestação carinhosa confunde-se ao apelo erótico, funcionando como elemento questionador da ordem social vigente, correspondendo igualmente à imagem da comunhão solidária. Os gestos afetuosos, marcados pelo toque dos corpos, escandalizam, repercutindo em boatos preconceituosos. Dessa forma, Luís Cardoso provoca o mundo masculino timorense e oriental (também o ocidental) ao narrar tal encontro, recurso feminino diante da opressão vivida por Isadora e Julieta, ambas casadas com figuras notáveis do regime colonial indonésio.

Outra personagem que galvaniza as atenções no decurso da história é demarcada por múltiplos nomes. As atribuições, inicialmente, confundem, fazendo com que o leitor esteja diante de personagens distintos. É Carolina que desvela esse e outros elementos escamoteados pelos adultos. “Protegida” pelas sandálias, Carolina ausenta-se de casa durante uma semana, tempo suficiente para entrar em contato com personagens já apresentadas. Pretende saber mais sobre a vida de António Pigafetta. Igualmente se dispõe a entender melhor essa figura enigmática que, a todo instante, é referida pelos familiares, adquirindo denominações distintas. A pergunta era se os referentes “Clandestino”, “Raio de Luz”, “Locutor da Rádio Nacional, ou “Tio Americano”, no

³⁸ Estrangeiro (português).

³⁹ “Quem é o António Pigafetta? De quem nunca tinha ouvido falar. Quem seria esse senhor, por que parecia estar orgulhoso quando mencionava o seu nome. – o cronista italiano. Aquele que narrou a primeira viagem de circum-navegação realizada por Fernão Magalhães. Do que disse o padre Albino, guardou na memória a passagem do navio Vitória pelas terras de Balibó. Quando tomaram como reféns o régulo e seu filho. Foi preciso a intervenção do cronista para que o comandante espanhol os libertasse. Em recompensa pelos seus préstimos, o *liurai* decidiu oferecer-lhe terras repletas de sândalo e acesso de minas de ouro. Aceitou ficar. Fundou um reino. Teve muitos descendentes” (CARDOSO, 2012, p. 147).

dizer de Carolina, tratavam-se da mesma pessoa. E, em se tratando da mesma, estaria ou não envolvida com a guerrilha. Carolina insiste ao afirmar à mãe que estivera com o rebelde anti-colonialista, procurando entender sua verdadeira identidade:

- Estive com ele
 - Ele, quem?
 - Com o tio Americano, mãe
- precisava de saber se era de facto a pessoa que disse ser, dado ser um e ao mesmo tempo outros. Tantos nomes que lhe encobriam a identidade. Como as folhas de uma cebola
- Nunca me disse nada
 - Disse, mãe, disse-me
- que era menino a quem o avô resgatou depois da morte do Malisera. Andou de orfanato em orfanato até um dia ser locutor da rádio. Conheceu o sacristão quando ambos eram crianças
- Nunca me disse, nada
- mas suspeitava de que algo o ligava à avó Aurora. Que o protegia como se fosse um filho seu a quem tudo perdoa
- Dizem que é filho da nona de Batávia
 - Não diga disparates, Carolina. (CARDOSO, 2012, p. 189)

Em contraposição, Amadeu, marido de Julieta, é identificado com clareza. Trata-se de um empresário que apoia a integração do Timor à Indonésia, acreditando na melhoria econômica do país com as potências ocidentais. Outra personagem ideologicamente definida é António Sakunar que, pertencente às milícias indonésias, combate a guerrilha de libertação. Provém dessa personagem a ação brutal contra Pigafetta. O secretário manda arrancar a língua do jovem para que o mesmo não revelasse segredos dos atos políticos cometidos pelo dirigente. Antes fá-lo seu empregado, abusando-o sexualmente. Obriga-o a vestir-se com as roupas da mulher Isadora que, por sua vez, recorre a Pigafetta como seu principal confidente nas ausências do marido. Num dos encontros Isadora confessa ao jovem albino que queimara o livro do cronista italiano Pigafetta.

Nas páginas finais, em Díli, Carolina se encontra com Aguarrás, um português que se apresenta como angolano, dono de restaurante de comidas típicas da África. O aparecimento da personagem se deve ao primeiro emprego de Carolina como garçonete. Nessa travessia, que reporta ao amadurecimento da garota, as sandálias auxiliam-na, conduzindo-a a encontros significativos e a soluções de impasses familiares pendentes. Um desses diz respeito à avó Aurora que aguarda o retorno do marido Álvaro Monforte, um entusiasmado defensor do salazarismo, morto pela guerrilha. Para Aurora, o major está vivo, devendo voltar em breve. Numa situação insólita, Carolina depara-se com a avó “semi-morta” que diz abdicar desta vida após saber notícias de Álvaro. A adolescente arma o encontro com o marinheiro mulato Demétrio, apresentado por Aguarrás, único disponível na ocasião para participar da farsa. Satisfeita com as justificativas dadas, Aurora falece:

- Carolina assustou-se e deu um passo atrás quando viu o esboçar de um sorriso nos lábios da avó Aurora. Fez um gesto com as mãos para que Demétrio dissesse o que tinha para comunicar.
- Não sei tétum.
- Hesitou antes de dar um passo em frente para dar notícia. Carolina subtilmente empurrou-o pelas costas.
- Diga em português
- que a avó Aurora embora não falasse a língua portuguesa entendia perfeitamente o significado das palavras.
- Demétrio encheu o peito e fez o melhor discurso que alguma vez fizera em sua vida. Para seu próprio espanto. Que era marinheiro da fragata portuguesa estacionada no cais de Díli. Estava ali no cumprimento de um dever patriótico. Tinha uma má notícia para lhe dar. Que o major, depois corrigiu dizendo coronel, promovido por serviços relevantes à Pátria, não podia regressar por não se encontrar de boa saúde. Os médicos confirmaram que a doença

era de facto irreversível. Tinha perdido a memória. E, quando se perdia a memória, também se perdia o caminho de regresso.

– A avó morreu

Disse o sacristão [Pigafetta acompanhava a cena] depois de ter reparado num sopro dos lábios da velha Aurora. Finalmente o espírito abandonou o corpo. (CARDOSO, 2012, p. 237-8)

Outro episódio significativo envolve o assassinato de António Sakunar. Para a surpresa deste, é Pigafetta, seu amante e empregado, que, num gesto intempestivo, retira-lhe a espada, eliminando-o. A desforra parece culminar, simbolicamente, na independência do Timor, agora, completada com a ideia da viagem de circum-navegação. Esta é revista na voz narrativa da sandália que procura, no capítulo final, sintetizar os efeitos da expansão imperial ao Oriente e seu significado através de um mito de fundação.

A voz narrativa, de outra forma, procura igualmente recordar a história da aventura envolvendo a pequena ilha e sua contínua luta quando da chegada e partida de múltiplos sujeitos que, marcados pelo sonho, promoveram a libertação do Timor: “Numa outra direção, foi a aventura levada a efeito por um punhado de homens que um dia foram para as montanhas. Apesar de tudo o que aconteceu pelo meio, dramas, tragédias e mortes, conseguiram chegar ao destino” (CARDOSO, 2012, p. 244). Ao mesmo tempo, interroga-se acerca de quantos apostavam num final feliz, chamando a atenção para a enorme parcela de indivíduos que ali chegaram por diferentes motivos:

Pergunto quantos timorenses que embarcaram nessa aventura de construir um país independente acreditavam realmente num final feliz. Muitos dos que participaram fizeram-no pelos mais diversos motivos. Como aconteceu com os companheiros de viagem de Fernão Magalhães. Vindos de toda a Europa. Uns porque verdadeiramente acreditavam, outros para se vingarem de histórias pessoais, humilhações por terem sido preteridos nos amores e ascensão social. Uns tantos à procura da chave para abrir as portas secretas das montanhas onde encontrariam ouro, outros viram nessa viagem a oportunidade para se redimir no passado. Muitos ficaram pelo caminho, outros abandonaram a viagem, uns tantos traíram por desespero e por ambição e uns poucos realizaram o sonho de suas vidas. (CARDOSO, 2012, p. 244)

Em que pese tais considerações, as palavras finais se dirigem, mais uma vez, às mulheres que suportaram as ausências e agressões. Carolina, na noite da celebração da independência do Timor, emocionada ao ouvir a voz de Bárbara Hendricks, convidada para o evento, reflete, pensando em todas as mulheres que ficaram entregues a si próprias quando os maridos partiram para as montanhas ou foram para o mar. Ao término da cerimônia, vai à praia, deita-se na areia, olha para o céu, lembrando Pigafetta, a quem, como homenagem, dera a uma estrela o seu nome, numa alusão à constituição de novas identidades.

No desfecho dessa breve reflexão, é necessário reafirmar a complexidade temática de *O ano em que Pigafetta completou a circum-navegação*, uma vez que se constata um número variado de elementos e informações que remetem à história da formação da pequena ilha. Além disso, surgem figuras lendárias, lembrando os mitos do lugar. Simultaneamente, a interlocução de tais elementos com os novos parâmetros da cultura popular de massa, assinaladas pela música pop internacional igualmente estão representados.

A estrutura temática ganha força e relevo a partir da coexistência das múltiplas inserções de identidade, performativamente assinaladas pela história, materialmente sinalizada nos conflitos ideológicos existentes. Como destaca Claudia Gomes Oliveira no posfácio do livro, em *O ano em que Pigafetta completou a circum-navegação* são “os factos da História, torturantes ou heroicos, que abrem caminho à evolução” (CARDOSO, 2012, p. 250). Ler tais acontecimentos “foi como mergulhar na névoa melancólica que cuida brandamente de uma ilha, com pessoas que são pessoas

como as outras, mas caleidoscópicas e harmônicas e contempladoras, que desorientam a estipulada lógica ocidental” (CARDOSO, 2012, p. 247).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BHABHA, Homi. *Local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998.
- CARDOSO, Luís. *O ano em que Pigafetta completou a circum-navegação*. Lisboa: Sextante, 2012.
- LOURENÇO, Eduardo. *A nau de Ícaro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- PADILHA, Laura Cavalcanti. Gestos de nomeação ou uma década de romances africanos. In: MARGATO, I.; GOMES, R. C. (Org.) *Literatura/política/cultura (1994-2004)*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2005.
- SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- _____. *Orientalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- _____. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- TUTIKIAN, Jane. *Velhas identidades novas: o pós-colonialismo e a emergência das nações de língua portuguesa*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2006.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org. e trad.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.